



**O FENÔMENO PSICOLÓGICO E A FENOMENOLOGIA COMO  
POSSIBILIDADE DE MÉTODO DE PESQUISA EM PSICOLOGIA**

***EL FENÓMENO PSICOLÓGICO Y LA FENOMENOLOGÍA COMO  
POSIBILIDAD DE MÉTODO DE INVESTIGACIÓN EN PSICOLOGÍA***

***THE PSYCHOLOGICAL PHENOMENON AND PHENOMENOLOGY AS  
A POSSIBILITY OF RESEARCH METHOD IN PSYCHOLOGY***

Nogueira, Guilherme<sup>1</sup>

Andrade, Celana Cardoso<sup>2</sup>

Resende, Maria do Rosário Silva<sup>3</sup>

---

**Resumo**

O presente trabalho tem como objetivo compreender a definição de fenômeno na contemporaneidade filosófica para, então, analisar duas propostas da fenomenologia como método de pesquisa em Psicologia. A concepção de fenômeno própria da fenomenologia de Husserl teve algumas influências, como em Kant (modelos racionais e da razão para compreender o objeto) e em Brentano (intencionalidade que a consciência possui tem de se ligar ao objeto). Em suas elaborações, Husserl propõe a fenomenologia como uma filosofia capaz de questionar os fenômenos do mundo, uma epistemologia que permite elaborar o conhecimento ao tentar compreender o desvelar aquilo que se mostra, uma ciência ao permitir que sejam elaboradas considerações particulares e generalizantes sobre o fenômeno e um método para que esse trabalho seja realizado de forma organizada e fidedigna. Por meio da fenomenologia, duas propostas de pesquisa em psicologia são apresentadas a de Goto, que busca a descrição da essência realizada por meio da intuição e reflexão, e de Giorgi e Souza, com uma metodologia interrogativa e compreensiva do fenômeno que alcança nos dados a possibilidade de captação de unidades de sentido ali presentes. Esses modelos realçam a fenomenologia como um método possível de realizar pesquisa para a uma psicologia científica.

**Palavras-chave:** Fenomenologia; Métodos de pesquisa; Psicologia.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de Goiás – (UFG), Faculdade de Educação, Goiânia – Goiás – Brasil. Mestrando em Psicologia. E-mail: guilhermenpsi@gmail.com

<sup>2</sup> Universidade Federal de Goiás – (UFG), Faculdade de Educação, Goiânia – Goiás – Brasil. Professora do Curso de Psicologia. E-mail: celanaandrade@gmail.com

<sup>3</sup> Universidade Federal de Goiás – (UFG), Faculdade de Educação, Goiânia – Goiás – Brasil. Professora do Curso de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia. E-mail: mrsresende@uol.com.br



---

---

**Resumen**

*Este trabajo tiene como objetivo comprender la definición de fenómeno en la filosofía contemporánea para luego analizar dos propuestas de la fenomenología como método de investigación en Psicología. La concepción fenomenológica del fenómeno de Husserl tuvo algunas influencias, como en Kant (modelos racionales y de la razón para comprender el objeto) y en Brentano (intencionalidad que la conciencia tiene para vincular al objeto). En sus elaboraciones, Husserl propone la fenomenología como una filosofía capaz de cuestionar los fenómenos del mundo, una epistemología que permite la elaboración del conocimiento al intentar comprender el desvelamiento de lo que se muestra, una ciencia que permite la elaboración de consideraciones particulares y generalizantes sobre el fenómeno y un método para que este trabajo se lleve a cabo de manera organizada y confiable. A través de la fenomenología, se presentan dos propuestas de investigación en psicología: Goto, que busca la descripción de la esencia realizada a través de la intuición y la reflexión, y Giorgi y Souza, con una metodología interrogativa y comprensiva del fenómeno que logra en los datos. unidades de significado presentes allí. Estos modelos destacan la fenomenología como un posible método de realizar investigaciones para una psicología científica.*

**Palabras-Clave:** *Fenomenología; Métodos de búsqueda; Psicología.*

**Abstract**

*This work aims to understand the definition of phenomenon in contemporary philosophical and then analyze two proposals of phenomenology as a research method in Psychology. Husserl's phenomenology's conception of phenomenon had some influences, as in Kant (rational and reason models to understand the object) and in Brentano (intentionality that consciousness has to link to the object). In his elaborations, Husserl proposes phenomenology as a philosophy capable of questioning the phenomena of the world, an epistemology that allows the elaboration of knowledge when trying to understand and unveil what is shown, a science by allowing particular and generalizing considerations about the phenomenon to be elaborated. and a method for this work to be carried out in an organized and reliable way. Through phenomenology, two research proposals in psychology are presented: Goto, who seeks the description of the essence carried out through intuition and reflection, and Giorgi and Souza, with an interrogative and comprehensive methodology of the phenomenon that achieves in the data. possibility of capturing units of meaning present there. These models highlight phenomenology as a possible method of conducting research for a scientific psychology.*

**Keywords:** *Phenomenology; Research methods; Psychology.*

---

## 1. Introdução

O objetivo desse estudo é compreender a definição de fenômeno na contemporaneidade filosófica para, então, analisar duas propostas da fenomenologia como método de pesquisa em Psicologia.

Para isso é apresentado a definição de fenômeno para alguns filósofos contemporâneos, a elaboração da proposta da fenomenologia de Edmund Husserl e métodos de pesquisa em fenomenologia.



Edmund Husserl é o criador da fenomenologia e considerado uma das principais figuras da filosofia moderna (Trombley, 2014). Além de ser uma filosofia e um método, a fenomenologia é considerada, também, um modelo investigativo que respeita os fenômenos do modo como se manifestam, propõe sua perspectiva em primeira pessoa e realiza um exame minucioso das chamadas vivências intencionais e da compreensão, diferentemente da objetivação própria do

naturalismo existente nos modelos científicos já existentes (Peres, 2019a). As reflexões realizadas por Husserl contaram com as inspirações de ideias de nomes como Immanuel Kant e Franz Brentano, para a concretização da ideia de fenômeno (Peres, 2019a). Conhecer essas contribuições auxilia a compreensão da proposta husserliana da fenomenologia e o vislumbre de uma psicologia fenomenológica, com suas possibilidades, inclusive, de pesquisa.

## 2. Revisão Teórica

### 2.1. A definição de fenômeno ao longo da modernidade filosófica: Immanuel Kant, Franz Brentano e Edmund Husserl

Conforme Trombley (2014), cabe a Kant o mérito de ter criado um sistema filosófico do período moderno. Isso, porque este filósofo, em sua produção e como será discutido, leva em consideração os impactos do período em que viveu, como a Revolução Científica e o desenvolvimento do Iluminismo. A relevância das obras kantianas faz com que este autor seja, de algum modo, influenciador de opinião na modernidade.

Immanuel Kant (1724-1804), filósofo germânico, iniciou sua filosofia na época na qual havia um embate entre duas vertentes para se pensar a origem do conhecimento: o racionalismo e o empirismo. O primeiro estava pautado na ideia de que, por meio da razão seria possível, por meio da dedução, conhecer a realidade de forma análoga ao raciocínio matemático. Já o empirismo propunha a experiência dos sentidos como fonte segura do conhecimento, pois as ideias, das mais simples às mais complexas, vão sendo elaboradas à medida que a pessoa vai entrando, por indução, em contato com os objetos. Foi na busca de esclarecer a ciência, ou seja, o conjunto daquilo que

pode ser sistematizado e ordenado por meio de princípios, que este filósofo formulou sua proposta epistemológica (Fulgêncio, 2006; Silveira, 2002).

Segundo a perspectiva kantiana, é no período da Revolução Científica e do Iluminismo que o homem adquire sua autonomia enquanto indivíduo. Tal fato ocorre porque, por meio do uso de sua razão e conhecimento, o homem começa a tomar decisões mais livremente, à diferença do período medieval, em que ele se abstinha do direito de decidir em decorrência da autoridade religiosa. Logo, o homem adota uma postura consciente de possuidor de conhecimento e vontade próprias (Roure, 2006).

Conforme a proposta de Kant, discutida por Roure (2006), o homem possui a potencialidade de desenvolvimento da razão e da moral, porém não de forma autônoma, mas por meio de seus processos educativos. Desses advém a ideia de que o indivíduo se constitui ao adquirir as características da humanidade já existente, de modo que uma geração formará a próxima. A formação



intelectual e moral do homem lhe traz a possibilidade de compreensão do mundo, posicionamento em suas relações sociais, decisão e julgamento.

Kant (2001/1787) expõe que, mesmo quando o conhecimento se origina da experiência, existem algumas condições prévias racionais para que este se constitua. Todavia, ele esclarece que sua vertente racionalista não é radical justamente pelo fato de a verdade ser alcançada pela experiência, e por afirmar que o conhecer apenas pela razão pode constituir-se numa ilusão.

Na obra ‘Crítica da razão pura’, de 1787, na elucidação de como o conhecimento é dado, Kant apresenta a distinção entre o que ele denomina de o núneno e o fenômeno. Este primeiro seria a coisa em si, que possui uma realidade metafísica, a qual não pode ser conhecida factualmente pela pessoa. Para ele, o que é possível conhecer é a representação da coisa em si, que é o fenômeno (Klein, 2010, Silveira, 2002).

O fenômeno é compreendido como algo a ser desvelado para o alcance de sua essência por intermédio da racionalidade (Araújo, 2017; Pimenta, 2006). Desse modo, aquilo que compõe o mundo estará sempre encoberto por essa questão fenomênica, sendo impossível alcançar a sua materialidade.

Conforme Kant (2001/1787), a intuição é uma representação do fenômeno. Isso significa que, para ele, sem um sujeito ou alguma constituição subjetiva dos sentidos, não haveria qualquer constituição do objeto e qualquer relação deste com o tempo e o espaço, porque o intuído não existe em si mesmo. Logo, o objeto em si e fora do alcance da recepção da sensibilidade é algo desconhecido. Na filosofia kantiana, o fenômeno também é

percebido como se fosse a silhueta, em que, por meio dos sentidos, é formada uma configuração para este, conforme as circunstâncias de espaço e para possibilitar a materialização deste como uma realidade objetiva (Araújo, 2017).

O espaço e o tempo não são propriedades do núneno, mas do fenômeno. É por meio desses recursos contextuais que a pessoa tem condições a priori para representar o núneno e torná-lo possível de ser percebido como fenômeno, o que possui um conhecimento de sentido próprio e constitui a experiência (Pimenta, 2006; Silveira, 2002).

Tendo por base o exemplo de algumas ideias para compreender o que seria o fenômeno para Kant, pode-se apresentar um esboço de sua proposta para a psicologia. O filósofo propôs que os objetos da experiência, tratados pela psicologia, fossem tomados em uma perspectiva semelhante ao entendimento de objetos da física. Esse processo considera a possibilidade de objetivação do psiquismo da mesma forma como os objetos da natureza o são e, assim, a atribuição de relações causais. A psicologia, durante o período da modernidade, enquanto ainda estava ligada à filosofia, apresentou propostas que seguiram essa linha de raciocínio. Todavia, quando a psicologia começou seu desenvolvimento como ciência autônoma, concebeu o psiquismo com perspectivas sociais e históricas, e se desenvolveu fora dessas concepções (Gomes, 2005; Fulgêncio, 2006).

Outra proposta de produção filosófica para se compreender o fenômeno foi elaborada, entre o empirismo britânico e o positivismo de Auguste Comte, por Franz Clement Brentano (1838-1917). A filosofia empirista afirmava que o conhecimento tem seu início externo ao homem e, somente por meio da experiência, seria possível adquirir



as ideias que habitam o pensamento. Já o positivismo elaborou leis de organização do mundo social pautados nos modelos das ciências exatas e biológicas (Abbagnano, 2003).

No que tange aos estudos psicológicos, para Brentano, a psicologia pode ser definida como a ciência dos fenômenos psíquicos e, de modo semelhante, as ciências naturais serão as ciências dos fenômenos físicos. Outra característica do trabalho de Brentano, foi contrapor o método transcendental, das escolas neokantianas de sua época ao método psicológico-descritivo (Peres, 2019b). Desse modo, as ciências estudam os fenômenos e os tratam, cada qual em um estilo e método próprio; cabe, então, definir o significado de fenômeno para ele.

A perspectiva de Brentano para a psicologia consistiu em baseá-la empiricamente, com base nos fenômenos, e, assim, não pautar em hipóteses e dados metafísicos (Peres, 2019b; Santos & Nunes Filho, 2014). Ele refutou tanto a abordagem fisiológica-psicológica de pensadores da época, bem como a abordagem introspectiva como metodologia descritiva dos atos psíquicos; pautou-se então em um modelo que toma a consciência como intencional (Santos & Nunes Filho, 2014).

A palavra fenômeno, na perspectiva brentaniana, é usada para referir-se àquilo que aparece. Diferente do modelo de Kant, que propôs apenas fenômenos de uma intuição empírica, para Brentano aquilo que aparece pode manifestar-se de dois modos: os fenômenos físicos e os fenômenos psíquicos (Santos & Nunes Filho, 2014). Os primeiros são os conteúdos e objetividades imanentes - fazem parte do ser. Já os fenômenos psíquicos possuem a característica fundamental de apresentar direcionalidade – intencionalidade - a um

objeto, ou seja, a um fenômeno físico (Peres, 2019b; Pires, 2019).

Conforme Fréchette (2016a), Brentano expôs a realidade do mental da maneira como ela é tomada na experiência, e quis elucidar o solo comum compartilhado pelos fenômenos psíquicos, mesmo estes sendo diversos. Para tanto, a intencionalidade foi proposta como um fundamento surgido em níveis variados que possibilita a ligação com tudo o que pode constituir a vida psíquica humana.

Desse modo, representar é a característica essencial do fenômeno psíquico, pois tudo aquilo que recebe um juízo valorativo ou afetivo é representado na consciência, por alguma sensação ou fantasia. Há de se distinguir entre o ato de representar e o conteúdo representado. O primeiro é o movimento realizado pela consciência para perceber o segundo. Sugere-se a utilização de verbos no infinitivo para a referência aos atos psíquicos; logo, quando alguém diz lembrar (ato de representação), por sua intencionalidade, já é questionado o lembrado (conteúdo representado) (Peres, 2019b; Pires, 2019; Santos & Nunes Filho, 2014).

Nessa perspectiva, em Brentano, a distinção de fenômeno físico e psíquico é delicada justamente pela intencionalidade. Mesmo que a característica de direcionalidade seja exclusiva do fenômeno psíquico, o fenômeno físico fica condicionado a ela, pois só assim é determinado como um objeto para a consciência. Há, então, a representação do fenômeno físico, que se torna um objeto intencional para a consciência (Santos & Nunes Filho, 2014).

Uma questão colocada por Brentano é que o objeto representado do fenômeno psíquico é real, o que não significa ser



sempre existente. Isso quer dizer que é possível, por exemplo, imaginar algo que tenha existência e também algo que não o tenha, como uma cadeira e um centauro, respectivamente. Para o filósofo, a questão de o objeto do fenômeno psíquico existir ou não, é, então, irrelevante. O fato de o objeto ser imanente possibilita criar um elo para representar o objeto externo, do mundo exterior, independente de ele existir (Fréchette, 2016a).

Logo, Fréchette (2016b) expõe ser possível notar que a proposta para a psicologia de Brentano contrapõe-se à da psicologia da experiência de Kant, pois a prática psicológica científica não precisa estar pautada em objetivações. Brentano também rejeita os juízos prévios, usados por Kant para a compreensão do fenômeno por não poderem estes ser tomados em concretude e terem a chance de estar errados. Para Brentano, então, o método de trabalho é a realização de análises descritivas dos fenômenos psíquicos que favorece uma metodologia tão eficaz quanto a ciência matemática. Por ser também professor, ministrou cursos a Husserl, que foi muito influenciado por suas ideias, mas que tecerá novas reflexões. A partir dos estudos de intencionalidade iniciados por Brentano, Husserl fará a proposição da fenomenologia, com o intuito de uma filosofia que fosse também um método de investigação para a ciência.

Conforme Trombley (2014), Edmund Husserl (1859-1938) é considerado o filósofo com mais influência na história desde Kant, com grande parte de sua produção na Alemanha. Ele exerceu papel fundamental na produção de grandes nomes de pensadores (como Martin Heidegger, Jean-Paul Sartre e outros) e foi precursor de movimentos como o existencialismo, a hermenêutica e o pós-estruturalismo. Sua formação em

matemática juntamente e seus vários estudos filosóficos, propiciaram uma produção que culminou na fenomenologia, não só como um sistema de pensamento, mas também como um método de investigação filosófica.

Um das tarefas da filosofia proposta por Husserl seria investigar como uma pessoa olha para aquilo que lhe aparece. O filósofo percebe haver uma correlação entre o mundo e os chamados fenômenos. Isso porque ele notou que cada um coloca suas questões subjetivas naquilo que observa. Logo, um de seus objetivos de trabalho foi compreender o objeto da experiência e sua manifestação fenomênica para o sujeito, pois a significação desse fenômeno, na perspectiva husserliana, está relacionada a atos intuitivos da consciência e à linguagem. (Moura, 2015).

Na atitude natural, a pessoa percebe o fenômeno sem a realização de grandes reflexões e conforme suas capacidades subjetivas do momento, como o nível de instrução naquele tema, capacidade de percepção sensorial e espacial, nível de atenção. Tal prática é comum no cotidiano e pode ser entendida como um realismo perceptual e experiencial, sendo, então, dogmática, na qual há a percepção da realidade, bem como ação e produção de efeitos sobre esta (Dartigues, 2008; Moura, 2015; Peres, 2019a).

Pela proposta de Husserl, para se alcançar a apreensão pura da consciência é necessário realizar o método da redução fenomenológica, que se inicia com a epoché. Esta consiste em retirar do foco a crença da existência de um mundo exterior com uma realidade existente em si, buscando neutralidade no processo de percepção. Isso não é negar ou afirmar a realidade externa, nem é feito o descarte dos juízos e crenças da pessoa, mas, sim, adotar uma postura filosófica de se abster



de utilizá-los naquele momento de reflexão, atingindo uma atitude transcendental. Desse modo, pela atitude fenomenológica é possível o exame e compreensão de como é a elaboração perceptiva da atitude natural (Peres, 2019a).

A redução fenomenológica, por não corroborar a tese da existência do mundo em si, possibilita a visão fenomênica do mundo. É, então, que pela atitude fenomenológica, a redução reconduz, traz de volta, o objeto ao seu modo inicial de manifestação à consciência. Isso, porque todo ato de conscientizar-se de algo necessita do movimento da consciência, próprio das vivências intencionais (Moura, 2015; Peres, 2019a).

A intencionalidade seria uma característica de algumas vivências ao se referirem a algo e acontecerem em um fluxo de consciência. Esse objeto para o qual se direciona o fluxo da consciência não está, necessariamente, presente na mesma, como se estivesse contido nela; ele precisa ser um componente real da vivência, pois o objeto percebido é transcendente à própria consciência (Moura, 2015; Peres, 2019a).

Este modo de refletir sobre o “transcendental” em Husserl possui elo com Kant. Isso, porque é por meio de um movimento da consciência que algo pode

ser percebido. Assim, todo fenômeno se manifesta por meio de sínteses realizadas na própria consciência, que não é passiva e, sim, constituída de forma transcendente. Essa atitude não favorece o surgimento de fenômenos ocultos, mas notar alguma novidade naquilo com aparência banal devido ao apreender mundano. Desse modo, os entes do mundo passam a revelar-se para a pessoa como vivências intencionais (Peres, 2019a).

De modo semelhante a Kant, Husserl propôs que pela consciência é possível compreender as estruturas do mundo intencionado e, também, sua unidade de sentido. Todavia, o objeto fenomênico não será mera constituição dessa consciência, mas irá se desvelar por si mesmo diante da consciência intencional, ideia desenvolvida por meio da concepção de Brentano acerca da intencionalidade. A diferença de Husserl das ideias prévias de Kant e Brentano está no fato de que, para ele, a percepção transcendental do objeto é a reflexão da própria intencionalidade, pois esta se direciona ao próprio objeto intencionado (Thévenaz, 1952/2017). E foi por meio desta ideia e com base em sua compreensão de fenômeno, que Husserl elaborou a fenomenologia, uma epistemologia e filosofia, mas com método e aspirações científicas.

## 2.2. A fenomenologia proposta por Edmund Husserl: da reviravolta filosófica ao método para a ciência

A fenomenologia, conforme Husserl (2012/1913), é compreendida como a ciência dos fenômenos, com uma proposta divergente das vertentes empíricas existentes à época. Essa divergência consistia no fato de a ciência da

modernidade e contemporaneidade estar desenvolvendo cada vez mais modelos explicativos para os diversos fenômenos humanos e sociais (Abbagnano, 2003). Já a proposta husserliana é compreensiva, ou seja, se define como postura rigorosa que



almeja a redefinição do significado de ciência, por meio da investigação das relações lógicas próprias da consciência reflexiva.

Para a elaboração da fenomenologia, umas das primeiras sugestões de Husserl (1975/1901) foi a proposição de uma filosofia com o intuito de esclarecer uma lógica ao conhecimento. Seu objetivo era a descrição do sentido de essência da experiência consciente veladas por meio das relações de conhecimento. Para alcançá-lo, o autor buscou as ideias de racionalidade apresentadas na filosofia do francês René Descartes, com o intuito de vislumbrar outra alternativa para o entendimento da consciência reflexiva que não fosse pelo método cartesiano.

A ideia lógica do cogito cartesiano (“penso logo existo”), conforme Husserl (2012/1906), foi a precursora de um modelo de objetivação da experiência consciente vigente na produção científica do século XIX. Na contramão do proposto por Descartes, Husserl (2019/1929) apresenta o conhecimento como próprio da vivência psíquica da pessoa e não mais como algo que pertence à lógica da natureza externa submetido a processos racionais. Para o fenomenólogo, o conhecimento é próprio do sujeito no seu ato de conhecer, e sua percepção é fruto de sua vivência perceptiva, o que faz a experiência consciente poder ser a medida de um sistema teórico.

Na reelaboração de sua ideia da fenomenologia, Husserl (2020/1907) modifica sua proposta descritiva para um idealismo transcendental. Este último seria, por definição, a fenomenologia da consciência em seu processo de constituição das coisas. Para o autor, o objeto da fenomenologia transcendental seria a consciência dirigida à experiência, não mais dirigida para o conteúdo das suas

vivências, como havia sido feito na sua proposta da psicologia descritiva.

A elaboração da fenomenologia transcendental tem o respaldo por purificar a consciência das influências das interferências naturais (Husserl, 2020/1907). Isso, porque na consciência transcendental há a distinção fundamental dos dados imanentes (aqueles que são imediatos, presentes) dos transcendentais (os que não são percebidos, mas constituídos nas relações intencionais) para a consciência. Logo, Husserl busca construir o conhecimento estruturado ao se descrever a experiência mesma, cuja expressão provém da consciência intencional.

Nessa perspectiva, o objetivo da postura fenomenológica, baseada nesse projeto transcendental, é elaborar análises do movimento intencional ou o fluxo das vivências conscientes. Husserl (2012/1913) visa a compreender, então, a consciência como característica ontológica do ser, ou seja, da sua realidade, e não pode ser vista separada da vivência real, propiciando a intencionalidade da consciência. O fenomenólogo considera que a consciência é sempre de algo, - pois sempre intenciona - por meio de uma propriedade de relação com as vivências.

O modo de investigação da fenomenologia husserliana busca retornar às coisas como elas são (Husserl, 2020/1907). Em sua investigação, o filósofo se voltará para as possíveis correlações existentes entre o ato intencional, os significados e os objetos presentes na consciência, não sendo utilizados como aparato para tal modelos teóricos já estabelecidos. Tudo isso é possível com uma descrição minuciosa dos fenômenos quando estes se apresentam à consciência.





Em sua proposição filosófica, Husserl (2019/1929) utiliza o conceito de intencionalidade para conectar a consciência ao mundo. A consciência intencional permite a compreensão sob perspectivas e indução da flexibilidade e da consciência humana, o que se distancia da consciência segregada do mundo e absoluta, como conferida por Descartes. Assim, na fenomenologia husserliana, há referência a uma intencionalidade da consciência que parte de sua relação com o mundo, a qual constitui a unidade natural e sem predicativos (mais originária) da relação mundo-vida, na qual surgem os atos de julgar e perceber o mundo.

Todo esse ideário de uma ciência rigorosa de Husserl é possível pela transição de uma atitude natural de significação do mundo para a atitude fenomenológica. Com isso, é possível deixar a proposição de uma realidade objetiva para ser possível descrever como o humano dá significado ao percebido (Dartigues, 2008).

A saída da atitude natural para a fenomenológica e a descrição da experiência de modo a compreender o significado dado pela consciência ao fenômeno percebido são possíveis por meio de um recurso denominado redução fenomenológica. Conforme já discutido, é por meio dessa postura fenomenológica que o movimento fenomenológico foi desenvolvido, por não mais se pautar no objeto de forma segregada, mas na experiência do sujeito com este. Isso, porque, para Husserl (2020/1907), a ideia da investigação fenomenológica é manter-se na busca pelas essências da evidência pura apresentada à consciência.

Conforme Castro & Gomes (2011), durante sua trajetória de produção em fenomenologia, Husserl apresentou modos distintos de realização da redução

fenomenológica. O ponto em comum entre todos esses modos de redução é a busca do que fica evidente por meio da experiência, o que torna, então, a experiência vivida o solo onde a fenomenologia é praticada. O modo de redução mais utilizado pela psicologia está baseado no método cartesiano e defende a ideia da fenomenologia transcendental.

Husserl (2020/1907), ao iniciar sua elaboração sobre esse modo de redução fenomenológica, apresenta-o como um recurso inicial de posicionamento para não deslocar a evidência fenomênica para sua dimensão transcendental (à qual não há acesso da experiência imediata) e ficar com ela na esfera da consciência. Desse modo, tudo o que for transcendente é suspenso para ser possível descrever unicamente aquilo a que se tem acesso experiencial, o imanente. Logo, a produção de conhecimento do dado evidente em si e a intuição de sua essência não são alcançadas pela inferência de novas informações oriundas de fundamentos pré-estabelecidos.

Nesse início de elaboração conceitual, Castro & Gomes (2011) discutem que Husserl ainda deixa algumas questões em aberto. A redução fenomenológica surge como possibilidade de se transitar entre a atitude natural e fenomenológica; contudo, não é possível identificar como realizar esse trânsito. O fenomenólogo também visa à redução fenomenológica como um método universal e radical, mas sem uma apresentação clara do método fenomenológico.

Em estudo posterior, Husserl (2012/1913) propõe que suspender as ideias prévias e buscar as essências na realidade fenomênica é base para a redução fenomenológica e apresenta novos níveis desta. Isso porque a redução é alcançada, de



fato, em um trabalho processual de reduções, para ser vislumbrado o movimento essencial de uma subjetividade pura. Desse modo, o autor afirma que, para sair da atitude natural para a fenomenológica, a redução básica se divide em outras secundárias: redução fenomenológica psicológica, redução eidética e redução fenomenológica transcendental.

A redução fenomenológica psicológica consiste em suspender os valores preconcebidos de mundo pela consciência, contudo sem suspender o sujeito dessa experiência. Desse modo, não há negação do valor da experiência vivida pelo sujeito e, sim, do valor explicativo naturalmente e comumente dado a esse fenômeno experienciado (Husserl, 2012/1913).

Por sua vez, a redução eidética consiste em reduzir os fenômenos percebidos pela consciência à sua essência, que são as partes fundamentais e indispensáveis para sua evidência. Para tanto, Husserl (2012/1913) sugere ser usado um procedimento de variação imaginativa livre, em que seriam sugeridas possibilidades de alterações do fenômeno manifestado com o intuito de averiguar as limitações de sua identidade na expressão. Assim, com essas alterações, seria possível identificar quais características que, se modificadas, impossibilitariam a identificação daquele fenômeno, denominando estas essências.

Contudo, conforme Peres (2019a), a reviravolta do método fenomenológico husserliano é redução fenomenológica transcendental. Nesta, Husserl (2012/1913) busca realizar a suspensão, mutuamente, do sujeito da experiência e do mundo circundante, a fim de investigar qual a correlação entre o mundo e a consciência do sujeito do próprio mundo. Essa é a investigação ideal para a apreensão pura do fluxo das vivências da consciência intencional.

Investigar um fenômeno exige uma postura constante do pesquisador quanto à consciência do objetivo de sua investigação. Logo, a operação das reduções fenomenológicas precisa ser estabelecida como postura contínua, e não como ato temporário, pois as vivências se apresentam em fluxo permitindo sua alteração e exigindo novas reduções. Desse modo, não se deve visar a uma ordenação de explicações e validações de conceitos generalistas, mas continuar em postura de abertura às possibilidades de evidência do fenômeno (Castro & Gomes, 2011; Peres, 2015; Peres, 2019a).

O projeto geral de Husserl foi fundamental para a reorientação da ciência para as dimensões da vivência e significação subjetiva das mesmas (Castro & Gomes, 2011). Tanto que suas ideias, mesmo que possam ser idealistas e difíceis de serem transpostas para a prática, embasaram as ciências, dentre elas a psicologia.

### 2.3. A Fenomenologia como fundamento para uma Psicologia Fenomenológica

Para entender a relação existente entre fenomenologia e psicologia, faz-se necessário saber qual o contexto histórico pelo qual passava essa última durante o momento de produção de Husserl. Peres

(2015) afirma que, na Alemanha, na transição do século XIX para o XX, o foco dos estudos psicológicos era com objetivo psicofísico, nos quais recebiam destaque temas como sensações, percepções e



pensamentos. Era possível notar que as pesquisas sobre subjetividade eram realizadas por meio de uma importação da metodologia explicativa própria das ciências naturais. Nessa metodologia, era possível tecer explicações das relações físico-estruturais tecidas pelo sujeito e organizá-las conforme as teorias vigentes, mas a relação do sujeito com sua experiência sobre os objetos não era captada.

Os modelos de psicologia vigentes nesse período em questão eram metodologias científicas focadas em estudar e pesquisar as demandas psíquicas contextualizadas em espaços e tempos definidos e concretos. Com isso, os processos psíquicos, dentre eles sentir, pensar, experienciar e outros, poderiam ter uma análise como se fossem, de algum modo, naturalizados conforme a conceituação psicofísica da psicologia. Estas abordagens não analisavam as indicações da realidade subjetiva além do físico, correspondentes à dimensão experiencial do processo psíquico, tão caro à Husserl (Peres, 2015).

A filosofia fenomenológica seria, então, o embasamento para uma nova postura da psicologia. A postura de elaboração da psicologia fenomenológica seria possibilitar reformas para os modelos de ciência vigentes de procedência à psicologia empírica tendo em vista abarcar, também, as relações subjetivas do sujeito com o objeto. Assim, as abordagens com objetivo de estudar sistematicamente a subjetividade ou a experiência psicológica passariam a ter um novo aparato como respaldo (Peres, 2015).

Conforme Husserl (2012/1913), para os fenômenos psicológicos serem purificados de suas explicações prévias decorrentes da inserção no mundo deveriam ser submetidos a redução

fenomenológica psicológica. Isso, porque a investigação dos processos da consciência, pelas lentes das ideias psicofísicas, realiza o estudo das atividades externas supostamente observáveis dessa consciência. Desse modo, antes de ser feita a análise do sentido dado pelo indivíduo a sua experiência vivida, já haveria um objeto dado e carregado de valores, definições e objetivos, o que não está em conformidade com o intuito fenomenológico.

Peres (2014) discute que Husserl, em sua trajetória de pensamento, busca esclarecer a necessidade da mudança tanto de perspectiva quanto de foco da investigação para a transição da atitude de exploração do objeto de investigação da ciência. A psicologia fenomenológica do modo como foi proposta por Husserl não se pretende definir nem como uma inovadora abordagem de psicologia para a Academia, nem como base determinística para trabalhar empiricamente com fatos. Ela seria, então, uma proposta para redefinir o objeto e o método de se estudar o fenômeno.

A proposta do método fenomenológico é a compreensão das partes constituintes do fenômeno tal como se apresentam à consciência, por meio da intuição. Esse processo não consiste na pura divisão do fenômeno em partes separadas e, sim, na distinção de seus eixos constituintes, analisando as relações e vínculos com os fenômenos próximos e derivados deste e do próprio sentido intuído. Toda essa descrição é possível por atos de comunicação e estruturação na linguagem (Peres, 2014).

Conforme Husserl (2019/1929), a elaboração sistematizada de uma psicologia fenomenológica pura exigiria seguir alguns passos. O primeiro seria descrever minuciosamente as propriedades comumente atribuídas à essência do objeto



intencionado, incluindo apresentar as características gerais de síntese das conexões realizadas pela consciência. O segundo consistiria em explorar de formas particulares o objeto intencionado, em concordância com a análise das sínteses da consciência às quais pertence esse objeto. O terceiro seria apresentar a descrição das atribuições essenciais desse objeto em um possível fluxo universal da consciência. E o último seria compreender como o “eu” (aqui entendido como a consciência que intenciona esse objeto) direciona o processo de investigação, ao atribuir-lhe crenças, pensamentos, hábitos e outros valores. É possível perceber a intenção de compreensão do fenômeno do geral para o singular, analisando o passo a passo de sua percepção, tanto no sentido universal como no particular, e conhecer suas relações intencionais com a consciência.

Em todas as obras, aqui analisadas, de Husserl (1975/1901; 2012/1913; 2019/1929, 2020/1907), percebem-se críticas ao psicologismo e a busca pela superação da tendência à objetificação da experiência psíquica. O filósofo tinha em vista um novo modo de compreender o movimento da consciência. Isso porque, para ele, a psicologia, entre outras ciências da época, poderia ir além das análises realizadas com base em princípios conceituais prévios estruturantes de um saber.

Holanda (2009, p. 88) afirma que “toda psicologia é e deve ser fenomenológica”. O trabalho de Husserl propõe a fenomenologia como modo de clarificar o sentido íntimo do objeto, para o fenômeno ser tomado em si mesmo. Para tanto, reflete sobre uma fundamentação consistente para a filosofia, de forma a ser possível embasar uma ciência rigorosa. O fundamento desta está nas evidências apodíticas, ou seja, passíveis de

demonstração e indiscutíveis. Logo, mesmo apresentando diferença clara com a lógica naturalista, a fenomenologia pode ser tomada como um modelo de ciência positiva e que pode embasar seguramente estudos e pesquisas científicas (Dartigues, 2008; Goto, 2008; Holanda, 2009; 2014).

A prática científica da fenomenologia é caracterizada por um modelo compreensivo e integrativo. Isso, porque intenta compreender as relações existentes no fenômeno intencionado e buscar seus vínculos de integração, ao invés de dissociá-los (Goto, 2008; Peres, 2014). Em psicologia, isso pode ser pensado na compreensão das experiências do indivíduo na vivência do fenômeno intencionado, de quais são as relações entre a consciência desse indivíduo e o objeto, seja externo ou interno.

Na elaboração de sua metodologia, Husserl (2019/1929) busca descrever o fenômeno tanto na esfera pessoal quanto na universal. É possível notar esse passo metodológico na ideia de a psicologia fenomenológica compreender o fenômeno subjetivo ser em essência intersubjetivo. Isso significa que o mundo não é uma representação puramente única e pessoal, mas com características e representações também universais (Holanda, 2009).

Conforme o exposto, o objetivo da fenomenologia para as ciências, em destaque para psicologia, não é criar novos sentidos, mas desvelá-los. À medida que o objeto é tomado com um fenômeno intencionado e seus sentidos são analisados conforme a consciência intencional, é possível perceber como novo aquilo ainda não conhecido, mas também o conhecido e escondido pelo a priori. O resultado, em caráter científico, é o conhecimento advindo da integração: sujeito, fenômeno, movimento da consciência e mundo em sua



---

universalidade (Dartigues, 2008; Goto, 2008; Peres, 2014).

#### 2.4. A pesquisa fenomenológica em Psicologia

Conforme Feijoo e Goto (2017), Husserl elaborou não só a fenomenologia, como também uma psicologia fenomenológica. Conforme os autores, essa última busca “o esclarecimento da natureza da vida psíquica, das estruturas vividas concretamente e da totalidade dos modos de consciência psíquica” (p. 2). E, quando aplicado à pesquisa, pode-se tomar o método fenomenológico com o objetivo de “compreensão do significado do vivido, alcançado mediante uma descrição analítica, apoiada em uma relação de cooperação entre os sujeitos da pesquisa e o pesquisador” (p. 2). Conforme o exposto, nota-se que é mantida a intencionalidade do pesquisador com seu objeto de pesquisa, de modo a haver o pesquisador intencionando para o objeto e este tendo significado para aquele pesquisador.

Em decorrência da complexidade da fenomenologia elaborada por Husserl, há dificuldade da elaboração de uma perspectiva científica unificada desta para a ciência (Castro & Gomes, 2011; Dartigues, 2008; Feijoo & Goto, 2017; Feijoo & Mattar, 2014; Holanda, 2014). Mesmo com essa dificuldade, Feijoo e Goto (2017) destacam dois métodos de utilização da fenomenologia em pesquisas da Psicologia, a primeira apresentada por Goto (2008) e a segunda por Giorgi (2006) e Giorgi e Souza (2010).

Nessa primeira proposta de Goto (2008), a pesquisa fenomenológica em psicologia retoma a ideia de Husserl acerca da psicologia fenomenológica. Tanto que o autor sugere ser esta uma ciência eidética autêntica, por ter em vista investigar o

psicológico por meio da fundamentação do método fenomenológico husserliano.

Husserl, conforme Goto (2008), compreende a psicologia fenomenológica como uma psicologia radical. Diferente das psicologias empíricas e experimentais, a abordagem fenomenológica da psicologia permite uma direção genuína e autêntica à vida psíquica, podendo alcançar tanto sua expressividade exterior quanto a intimidade interior. Esse alcance é devido o fato de a psicologia fenomenológica ser constituída com algumas diferenças dos outros modelos. Ela deixa de ser uma ciência empírica para ser uma ciência a priori, que visa a conhecer os fenômenos sem a necessidade de elaborar hipóteses, o que a faz, também, deixar de ser uma ciência de fatos para ser eidética. Essas características dão um aspecto intuitivo psicologia fenomenológica e permitem a descrição pura das vivências psíquicas.

Ao se constituir como ciência a priori e eidética, a pesquisa por meio da psicologia fenomenológica possibilita uma nova forma de visada do objeto. Esse aspecto significa que ela apresenta um caráter de ciência universal das vivências do psiquismo, pois busca conhecer as essências universais deste com vista a conhecer uma concepção do ser psicológico. Tal postura suspende a visada empírica e a realidade espaço-temporal das vivências, para alcançar este aspecto universal (Goto, 2008).

A pesquisa fenomenológica se desenvolve por meio da descrição pura da essência, realizada por meio da intuição e da reflexão. Cabe ao pesquisador, portanto,



ao buscar a elaboração de um modelo científico da vida interna e intencional, adotar o modo de redução eidética (Husserl, 2012/1913), pois, ao sair da atitude natural para a atitude fenomenológica, pode alcançar o essencial e indispensável ao fenômeno sem se pautar na lógica científica natural. Esse seria o método para alcançar aquilo que é essencial para a vida humana (Goto, 2008).

Outro ponto da psicologia sugerida por Husserl, apropriados para a pesquisa, é a reelaboração dos modelos de psicologia empírica e científica vigentes tendo em vista a formulação de uma psicologia fenomenológica. Para o alcance de tal objetivo, é preciso uma postura fenomenológica visada aos próprios conceitos da psicologia, para não os usar com suas definições já direcionadas à experiência, mas buscar sua manifestação identitária e constituída nos processos psicológicos estudados. A análise fenomenológica, então, é dada por meio da descrição das vivências como elas são e como se apresentam no contexto analisado, para buscar suas características próprias e universais. Tal método busca respeitar os princípios conforme propostos por Husserl na elaboração da fenomenologia (Goto, 2008).

Já a segunda proposta de pesquisa por meio do método fenomenológico é de Giorgi (2006) e Giorgi e Souza (2010), a qual apresenta a fenomenologia husserliana como uma metodologia interrogativa e compreensiva do fenômeno, não pautada em premissas dos eventos. Para realizar a pesquisa por meio das ideias desses autores, é preciso obedecer a alguns passos metodológicos, os quais são fundamentais para se chegar à essência do fenômeno da psicologia e demais ciências humanas.

O método fenomenológico de Giorgi (2006) e Giorgi e Souza (2010) é

composto por quatro passos. O primeiro, consiste em o pesquisador posicionar-se por meio de uma atitude fenomenológica, na qual suspenderá todos e quaisquer princípios ontológicos e epistemológicos diante do objeto investigado. Com isso, é possível o segundo, no qual é identificada a instância do fenômeno que tem o foco a ser analisado pelo estudo. O terceiro, por meio da prática da variação livre da imaginação, recolocar o fenômeno em seu campo intencional, no qual ele de fato se faz fenômeno, para ser possível perceber sua essência, compreendida como seu sentido ou significado. Desse modo, por último, essa essência percebida durante esse percurso será descrita e apresentada.

Giorgi (2006) discute algumas variações do método como sendo legítimas e outras a serem repensadas. O autor apresenta como legítimas aquelas que obedecem rigorosamente à filosofia e às ideias fenomenológicas durante suas práticas de pesquisa. O autor, porém, apresenta algumas possibilidades de variação do método fenomenológico de pesquisa que precisam ser trabalhadas com cuidado para não se afastarem do próprio método, como: o modo de interpretar a redução fenomenológica, a questão da variação imaginativa, a possibilidade de generalizar os fenômenos e o cuidado para verificar os dados.

Para utilizar o método fenomenológico de Husserl nas investigações psicológicas, Giorgi e Souza (2010) apresentam as determinações e procedimentos metodológicos indispensáveis para tal e esclarecem que o foco da investigação fenomenológica é realizar a redução psicofenomenológica. Os autores afirmam que, para realizar a redução fenomenológica, é preciso o pesquisador suspender seus conhecimentos teóricos prévios, bem como



suas ideias advindas de experiências anteriores. Isso é importante, pois essas concepções antecedentes podem influenciar na maneira como o pesquisador se portará diante dos fenômenos, das variáveis envolvidas na pesquisa e até de si mesmo. Com essas suspensões, o pesquisador poderá dar atenção total ao fenômeno da maneira como esse se apresenta à consciência, e aquilo que foi visado como sendo empírico se torna, necessariamente, fenomenológico.

A realização da redução, conforme essa postura apresentada, é feita no momento em que o objeto se apresenta fenomenologicamente. Desse modo, pode ser considerada errônea a vinculação de experiências passadas com as do presente. Isso porque, conforme a fenomenologia de Husserl, é primordial analisar cuidadosa e rigorosamente a experiência atual antes de se relacionar com quaisquer experiências anteriores. É fundamental a atenção do pesquisador a esse passo, pois, quando ele escolhe e delimita seus objetos de estudo e pesquisa, já possui elaborações prévias e naturais sobre esses (Giorgi, 2006; Giorgi & Souza, 2010).

De acordo Giorgi (2006), a pesquisa fenomenológica, também, precisa evidenciar como será a variação imaginativa, ao posicionar o perfil do fenômeno delimitado para o estudo, pois é

por meio dessa, que a essência do fenômeno será alcançada. Esse intento é alcançado quando é deixado o plano empírico, para ser utilizado o plano eidético. O autor também ressalta que, pelo fato de o ato de imaginar ser dado de modo imanente na consciência, o objeto da imaginação não possui existência dentro ou fora do psiquismo como algo previamente dado. Esse passo metodológico, apresenta elo com a própria concepção de redução eidética de Husserl (2012/1913), uma vez que, conforme Giorgi (2006), esse ato de imaginar apresenta um passo fundamental para alcançar os perfis possíveis do objeto.

Como já exposto, Husserl (2019/1929) apresenta a possibilidade de uma sistematização da psicologia na qual é possível compreender as particularidades, as generalidades e as relações entre essas duas faces do objeto estudado e, por isso, o cuidado com as generalizações é indicado por Giorgi (2006). Justamente por se realizar a redução eidética e a variação imaginativa, o que são propostas de Husserl (2012/1913), a pesquisa pode favorecer descrições do fenômeno que possibilitem a descoberta não de algo que não existia, mas de algo que, por algum motivo, encontrava-se velado; com isso, é possível compreender novas relações e vislumbrar algumas generalizações.

### 3. Considerações finais

Conhecer esses dois modos de aplicar o método fenomenológico em pesquisa evidencia algumas questões a serem levadas em conta. Primeiro, a necessidade de o pesquisador estar atento a suas hipóteses prévias do objeto de pesquisa, pois essas podem impedi-lo de observar, descrever e compreender o fenômeno da forma como este se apresenta.

Segundo, o fato de que experiências passadas e do presente não são necessariamente iguais ou distintas, podendo haver relações entre elas. Por fim, o estudo fenomenológico de algo particular possibilita a formulação de relações e generalizações relativas ao objeto, desde que se obedeçam rigorosamente, de acordo



com a fenomenologia, a visão de mundo e o modo de compreensão do fenômeno.

Todas essas questões são relevantes para esta pesquisa. Uma vez que o pesquisador escolhe e delimita seu objeto conforme seu interesse, é fundamental tomar cuidado para não usar informações prévias durante o estudo, para analisar o fenômeno que se mostrar durante a pesquisa, e, assim, descrever, de forma particular e geral, o que foi compreendido.

## Referência

- Abbagnano, N. (2003). *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Martins Fontes.
- Araújo, G. C. (2017). A silhueta do ser: o conceito de fenômeno em Kant e Heidegger. *Revista Eletrônica de Diálogo e Divulgação em Geografia*, 1(4), 41-52. Acesso em 24 de janeiro de 2020, disponível em <[https://geografia.blog.br/gallery/gdn04v01\\_05.pdf](https://geografia.blog.br/gallery/gdn04v01_05.pdf)>
- Castro, T. G., & Gomes, W. B. (2011). Movimento fenomenológico: controvérsias e perspectivas na pesquisa psicológica. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 27(2), 233-240. Acesso em 15 de março de 2020, disponível em <<https://doi.org/10.1590/S0102-37722011000200014>>
- Dartigues, A. (2008). *O que é fenomenologia?*. São Paulo: Moraes.
- Feijoo, A. M. L. C., & Goto, T. A. (2017). É possível a Fenomenologia de Husserl como Método de Pesquisa em Psicologia?. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 32(4), 1-9. Acesso em 15 de março de 2020, disponível em <<https://doi.org/10.1590/0102.3772e3241>>
- Feijoo, A. M. L. C., & Mattar, C. M. (2014). A fenomenologia como método de investigação nas filosofias da existência e na psicologia. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 30(4), 441-447. Acesso em 15 de março de 2020, disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v30n4/v30n4a09.pdf>>
- Fréchette, G. (2016a). A tese de Brentano (revisitada). *Guairacá Revista de Filosofia*, 32(2), 106-132. Acesso em 30 de janeiro de 2020, disponível em <<https://revistas.unicentro.br/index.php/guairaca/article/download/4819/3376>>
- Fréchette, G. (2016b). Kant, Brentano e Stumpf sobre Psicologia e Anti-Psicologismo. *PERI*, 1, 1-11. Acesso em 30 de janeiro de 2020, disponível em <[www.nexos.ufsc.br/index.php/peri/article/download/1200/840](http://www.nexos.ufsc.br/index.php/peri/article/download/1200/840)>
- Fulgêncio, L. (2006). O lugar da psicologia empírica no sistema de Kant. *Kant e-prints*, 1(1), 89-118. Acesso em 24 de janeiro de 2020, disponível em <<https://www.cle.unicamp.br/eprints/index.php/kant-e-prints/article/view/329/232>>
- Giorgi, A. (2006). Difficulties encountered in the application of the phenomenological method in the social sciences. *Análise Psicológica*, 3(24), 353-361. Acesso em 15 de março de 2020, disponível em





<<http://www.scielo.mec.pt/pdf/aps/v24n3/v24n3a09.pdf>>

Giorgi, A. & Sousa, D. (2010). *Método fenomenológico de investigação em Psicologia*. Lisboa: Fim do Século.

Gomes, A. (2005). Uma ciência do psiquismo é possível? A psicologia empírica de Kant e a possibilidade de uma ciência do psiquismo. *Revista do Departamento de Psicologia da UFF*, 17(1), 103-111. Acesso em 24 de janeiro de 2020, disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/rdpsi/v17n1/v17n1a08.pdf>>

Goto, T. A. (2008). *Introdução à Psicologia Fenomenológica: a nova psicologia de Edmund Husserl*. São Paulo: Paulus.

Holanda, A. F. (2009). Fenomenologia e Psicologia: diálogo e interlocuções. *Phenomenological Studies: Revista da Abordagem Gestáltica*, 15(2), 87-92. Acesso em 15 de março de 2020, disponível em <<https://www.redalyc.org/pdf/3577/357735514002.pdf>>

Holanda, A. F. (2014). *Fenomenologia e humanismo: reflexões necessárias*. Curitiba: Juruá.

Husserl, E. (2020). *A ideia da fenomenologia*. Petrópolis: Vozes. (Original publicado em 1907).

Husserl, E. (2019). *Meditações cartesianas: introdução à fenomenologia*. São Paulo: Edipro. (Original publicado em 1929).

Husserl, E. (2012). *Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica*. São Paulo: Ideias & Letras. (Original publicado em 1913).

Husserl, E. (1975). *Investigações lógicas: sexta investigação (Elementos de uma*

*elucidação fenomenológica do conhecimento)*. São Paulo: Abril. (Original publicado em 1901).

Kant, I. (2001/1787). *Crítica da razão pura* (5ª ed.). (M. P. Santos, & A. F. Morujão, Trads.) Lisboa: 2001.

Klein, J. T. (2010). Análise dos fundamentos da distinção kantiana entre noumenon e fenômeno. *Revista de Filosofia Argumentos*, 3, 25-35. Acesso em 24 de janeiro de 2020, disponível em <[http://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/3561/1/2010\\_Art\\_JTKlein.pdf](http://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/3561/1/2010_Art_JTKlein.pdf)>

Moura, C. A. (2015). O nascimento do conceito husserliano de fenômeno. *Phainomenon*, 18-19, 41-52. Acesso em 03 de fevereiro de 2020, disponível em <http://www.phainomenon-journal.pt/index.php/phainomenon/article/view/185/148>

Peres, S. P. (2015). A fenomenologia de Husserl no contexto da psicologia na virada para o século XX. *Estudos e Pesquisa em Psicologia*, 15(3), 986-1005. Acesso em 03 de fevereiro de 2020, disponível em <<https://www.redalyc.org/pdf/4518/451844505012.pdf>>

Peres, S. P. (2019a). A psicologia fenomenológica de Husserl. Em M. Massimi, & S. P. Peres, *História da psicologia fenomenológica* (pp. 41-82). São Paulo: Loyola.

Peres, S. P. (2019b). Franz Brentano. Em M. Massini, & S. P. Peres, *História da psicologia fenomenológica* (pp. 21-40). São Paulo: Loyola.

Peres, S. P. (2014). O desenvolvimento do projeto de uma psicologia fenomenológica em Husserl. *Psicologia em Pesquisa UFJF*, 8(2), 221-229. Acesso em 15 de março de 2020, disponível em <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psipesq/v8n2/11.pdf>>



Pimenta, O. C. (2006). A distinção kantiana entre aparecimento e fenômeno. *Kant e-prints*, 1(1), 119-126. Acesso em 24 de janeiro de 2020, disponível em <<https://www.cle.unicamp.br/eprints/index.php/kant-e-prints/article/view/328/231>>

Pires, J. J. (2019). Franz Brentano e a distinção entre fenômenos físicos e fenômenos psíquicos. *Guairacá Revista de Filosofia*, 35(1), 34-55. doi:10.5935/2179-9180.20190003

Roure, S. A. G. (2006). *Educação e Autoridade*. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Goiás. Disponível em: <<https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/6/o/Tese%20Susie.pdf>>.

Santos, B. R., & Nunes Filho, L. M. (2014). Psicologia Empírica e Psicologia Descritiva: o estatuto ontológico do objeto intencional em Brentano. *Kalagatos - Revista de Filosofia*, 11(21), 93-123. Acesso em 30 de janeiro de 2020, disponível em

<<http://kalagatos.com/index.php/kalagatos/article/view/153/450>>

Silveira, F. L. (2002). A teoria do conhecimento de Kant: o idealismo transcendental. *Caderno Brasileiro de Ensino de Física*, 19(especial), 28-51. Acesso em 24 de janeiro de 2020, disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/fisica/article/view/10053/15383>

Thévenaz, P. (2017/1952). O que é a Fenomenologia? *Phenomenological Studies - Revista da Abordagem Gestáltica*, 23(2), 247-256. Acesso em 03 de fevereiro de 2020, disponível em <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rag/v23n2/v23n2a12.pdf>>

Trombley, S. (2014). *50 pensadores que formaram o mundo moderno: perfis de 50 filósofos, cientistas, teóricos políticos e sociais e líderes espirituais marcantes cujas ideias definiram a época em que vivemos* (Trad. Breno Barreto). Rio de Janeiro: LeYa.

**Recebido em:** 13/08/2021

**Aceito em:** 20/12/2021

**Nome:** Guilherme Nogueira

**Email:** guilhermenpsi@gmail.com

**Endereço para correspondência:** Rua Niterói, sem número, quadra 148, Residencial Viva Parque Cascavel, apto 1501 Jatoba, Parque Amazônia. Goiânia. CEP 74843-160.



Esta obra está licenciada sob uma [Licença Creative Commons Attribution 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)